



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

25 de Dezembro de 2004 • Ano LXI • N.º 1586  
Preço: € 0,30 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285  
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

## Setúbal

### Tempo de amor

**N**ATAL é tempo de solidariedade, como diz o mundo. Nós gostamos mais de dizer que é tempo de amor. E porquê? Porque Deus amou tanto o mundo que lhe deu o Seu Filho! Amou-o ao ponto de dar a Vida por ele.

Jesus nasceu. É Natal.

Foi no meio de tribulações que o Menino nasceu. Todos os nossos meninos nascem no meio de tribulações. Todos tiveram um berço semelhante ao de Jesus. A muitos, faltou os braços de uma mãe e a presença de um pai.

Em determinada altura das suas vidas, alguém deu conta deles, da sua indigência. Para muitos, houve quem fizesse um relatório da sua situação de vida, com mais ou menor pormenores da circunstância em que foram achados.

Esses relatórios passaram a ser o bilhete de identidade dos pequenos.

Como todo aquele a quem é retirado o Bilhete de Identidade, perde de alguma forma os direitos de cidadania, estes pequenos passaram a estar na mão daqueles que tomaram posse do seu relatório social. Passaram a ser sua propriedade. O seu futuro passará a ser ditado, à distância, por quem nada tem a ver com a sua vida.

O Menino Jesus, tão perto e tão distante do Pai, não conseguia deixar de pensar n'Ele. Houve quem quisesse determinar a Sua vida, mas o Pai não o consentiu e não O abandonou.

A submissão a Sua Mãe e a Seu pai adoptivo, não o impedia de ser livre, não o limitava no Seu amor ao Pai. Uma vez «esqueceu-Se» das suas obrigações de Filho de Maria e de José, para cuidar das coisas do Pai.

Se tivesse nascido hoje, Jesus, como seria? Nascido num curral, no meio dos animais que Te aqueceram e tranquilizaram, como teria sido? Será que também fariam um relatório da circunstância do Teu nascimento e ficarias sob a alçada dos poderes instituídos? Quereriam determinar o Teu futuro?

Certamente que sim. Como ontem, hoje. Mas o Pai não Te abandonaria.

Padre Júlio



## Encontros em Lisboa

### O Menino do Presépio

**A**í temos o Presépio: O Menino, Maria e José. Todas as atenções voltadas para o Menino. Todos os votos de felicidade para o Menino emanam do nosso coração e afloram aos nossos lábios sem sabermos como concretizar tudo isso. Um beijo no Menino e as palavras deixam de ter sentido...

Hoje, às nove da manhã, o Virgílio telefonou-me a dizer que era pai de uma menina, desde as sete da manhã. Disse-lhe as palavras do costume, a alegria, os votos. No meu interior, continuava o Menino do Presépio.

Não é fácil olhar para Aquele Menino e deixar-se inebriar por toda a magia da vida e da esperança, quando conhecemos o mistério que essa vida encerra e o seu desfecho. O coração aperta-se.

Este Natal de 2004 chega-nos envolto em muitas dores, não sei se de maternidade se de ocaço de vida. Não temos o dom de ler o momento em termos de futuro.

De todos os que querem ver o Menino aparece gente simples como os pastores e aparece gente de poder com o coração puro como os Reis Magos. Também Herodes e os seus esbirros querem «adorar» o Menino por outros motivos e para outros fins. Nestas coisas, a destriça não se fará nunca no momento. Só o tempo ditará a sentença e, talvez, com esperança, da história fique apenas o cântico de Maria: «O Senhor pôs os olhos na humildade da sua serva... Derrubou os poderosos dos seus tronos e exaltou os humildes».

Padre Manuel Cristóvão

## Benguela

### Falar do Natal

**N**AQUELE tempo, Maria e José não encontraram lugar na estalagem para o nascimento do Filho. Ficaram arrumados num cantinho abrigado e a festa aconteceu, mesmo ali. O silêncio daquela hora fez estremecer o mundo. Vieram, em primeiro lugar, os mais pobres, os chamados excluídos, hoje. Os poderosos tremeram e quiseram matá-lo, mais tarde. Foi sinal de contradição, desde o princípio. E continua.

Estou a falar do Natal. Hoje, como ontem, Ele vem. É o Mesmo. Vem, porque o mundo precisa d'Ele. Vejo e sinto a necessidade em mim e ao meu lado. A Paternidade de Deus irrompe pelo mundo fora na pessoa do Filho. Acontece que nem sempre se dá o acolhimento, como naquele tempo. Mas o Pai não desiste. Apostou no homem para sempre. No Natal fez-se Emanuel, Deus conosco. Por isso, bate à porta do nosso coração para entrar e sermos filhos e irmãos. Não queirais ser mais filhos e mais irmãos? Quem me dera ver-vos no mirante onde me encontro, não para experimentardes a fuga, mas para vos despojardes e vos entregardes.

Conversava, há dias, com um acessor numa instituição, vindo do estrangeiro, há pouco tempo. Apeteceu-lhe ir-se embora, sem esperar pelo fim do seu contrato. Não posso ver, dizia, o espectáculo de crianças e adultos a remexer os caixotes e montes de lixo, à procura de algo para comer. Estava a lembrar-se, com certeza, das quantidades de comida boa lançada fora, na sua terra. Animei-o a continuar e a sofrer. O caminho não é fugir, mas entrar, cada vez mais, no mundo das pessoas que estão privadas do necessário para viver, sem culpa. Vítimas inocentes, sim. É com elas que aprendemos a celebrar o Natal.

Um dos momentos mais festivos é o dia em que levam os cestos à cabeça e os sacos nas mãos, com a comida necessária para os pais e os filhos. Em nossa

Continua na página 3



**P**ARA o povo que andava nas trevas apareceu uma grande Luz.

É assim que o Profeta anuncia Aquele que já veio e há-de voltar. Um excepcional brilho que as trevas recusaram. O nascimento de Deus Homem é assim comparado. Sê-lo-á sempre no caminhar mais ou menos apressado da história humana. Não há que ter ilusões.

## Natal

O desejo incontido dos ímpios se endeusarem, se fecharem à verdade e aderirem às trevas que estão dentro de si «numa sombria região de morte» cuidando nunca acabar, está aí, sem sabermos como.

A Obra da Rua, pelo dinamismo que os Pobres lhe imprimem, alcandora-se na vida real. É pobre. Sofre com os Pobres. E aceita ser assim.

Por alguma razão Aquele que se definiu como a Verdade, a viveu e pegou veio nascer numa gruta, entre animais, desprezado dos sábios e inteligentes! Tinha de ser assim, de qualquer outro modo, diz-nos também a experiência, não podia ser.

O Messias tinha de sofrer!

A Obra da Rua tem de padecer para ser autêntica escola de vida, fiel ao Evangelho de Jesus Cristo e pregadora, pela coerência da própria Mensagem d'Ele.

Quanto maior padecimento, maior prova de autenticidade.

É urgente ler, com atenção, a História da nossa Fé. Foi sempre assim. O curso da História repete-se. Não é original.

Perante o laicismo implantado, um agnosticismo reinante e a diferença religiosa generalizada só podíamos esperar uma situação semelhante.

«O sangue dos mártires é semente de cristãos».

Uma nova esperança surgirá dos fundamentos.

Que mais gente venha viver este nobre ideal que é dar a vida pelos que não têm família.

A onda enorme de comunhão na dor e na indignação que se estabeleceu espontaneamente do Sul ao Norte de Portugal, passando pelo Interior e pelo Centro, deve, não só animar os Padres da Rua e as Senhoras da Obra, mas também desafiar os antigos gaiatos e todos os cristãos a viverem radicalmente a sua fé e a educar os mais novos na fidelidade limpa às suas exigências, a desprezar as concupiscências do mundo e a esperar, com paciência, o que tem de ser: a Verdade vencerá.

É a lição do Natal.

São já vários os milhares de cartas que chegaram até nós. Nem uma centena de jornais as comportaria.

Transcrevemos apenas algumas como mensagens de Natal, hoje.

Padre Acílio

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**REFÊNS DA POBREZA** — «A Organização Internacional do Trabalho (OIT) publicou o seu «Relatório sobre o Emprego no Mundo 2004-2005», no qual pede aos governos que ponham em marcha políticas económicas que criem «trabalho decente e produtivo».

O documento — que analisa a relação entre três factores que são complementares: o emprego, a produtividade e a redução da pobreza — sublinha que há 1,4 mil milhões de trabalhadores a viver abaixo do limiar da pobreza, com rendimentos que não vão além de dois dólares por dia, mesmo somando os rendimentos dos seus familiares.

A análise da correlação de factores desenvolvida pela OIT — organização que reúne representantes dos governos, dos trabalhadores e do patronato — visa demonstrar que um aumento da produtividade laboral (a quantidade de bens ou de serviços produzidos por um trabalhador) é a via mais segura para a redução da pobreza.

O relatório que a OIT disponibiliza no seu portal da Internet faz questão de distinguir os conceitos de 'produtividade em geral' e 'produtividade laboral', na medida em que a primeira envolve factores como a qualidade empresarial, o desenvolvimento tecnológico e os efeitos de doenças, da criminalidade e de políticas governativas.

Para promover a criação de emprego, a OIT recorda aos governos a necessidade da adopção de políticas económicas que criem oportunidades de trabalho decente e produtivo, não só entre os trabalhadores mais pobres mas também entre os desempregados.

A OIT salienta que, dos 1,4 mil milhões de trabalhadores refêns da pobreza (metade da força laboral no Mundo), 550 milhões vivem em situação ainda mais extrema, uma vez que não ganham mais de um dólar por dia (cerca de 1,34 euros).

«A redução da pobreza marca passo», escreve o director da OIT, no prefácio do documento. O «Relatório sobre o Emprego no Mundo 2004-2005» é o quinto de uma série de relatórios da organização, oferecendo uma perspectiva geral das actuais questões de emprego no Mundo inteiro.»

**PARTILHA** — Assinante 30092, de Ílhavo, «para a maior necessidade dos Pobres e elas são tantas que para nada chega» — 100 euros. É uma carta muito rica!

Um cheque, de vinte euros, da assinante 77716, de Viseu, «para ajuda dos mais necessitados».

Vinte e cinco euros, da assinante 7498, de Galveias.

Um abonado cheque, da assinante 12907, de Casal Cambra, «para as necessidades dos nossos queridos Pobres que tanto sofrem. Agradeço as vossas orações por nós e nossos filhos». São corações grandes!

Donativo de 120 euros, do assinante 23127, de Matosinhos.

Outro cheque, 25 euros, do assinante 74299, da Covilhã, «para serem aplicados na conta que mais vos seja de interesse».

Um cheque da assinante 4154, de Fátima, «quinhentos euros para ajuda

daquelas necessidades que só vós conheceis — porque estais no terreno. Muita coragem pois o Senhor não desampara os seus». Muito Bem!

Assinante 7769, do Porto, que aparece várias vezes, com a amizade de sempre, «e mais uma vez em memória dos meus pais, com 150 euros para aplicarem como melhor entenderdes no que for mais urgente». Deus lhe pague.

De Odiveias, dez euros, da assinante 30719, «em memória dos meus familiares falecidos».

Assinante 77035, de Leiria, «Que Deus vos recompense pelo bem que fazeis a esses Pobres infelizes».

Mil duzentos e cinquenta euros, da assinante 29430 «para os mais Pobres. O Senhor vos dê força e saúde para continuarem a vossa acção».

Vinte euros, da assinante 74442, da Covilhã.

A nossa gratidão e votos de santo Natal e Ano Novo.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

**DESPORTO** — Os Juvenis deslocaram-se a Crestuma. Uma viagem feita pela marginal, de Entre-os-Rios até à barragem de Carrapatelo. Um passeio agradável. Agradável na ida, e super agradável na vinda, com uma vitória na bagagem. Dois golos de «Bolinhas»; um de Rolando; e um senhor golo do Rogério, contra dois do «adversário». Todos os jogos me deixam satisfeito, quer ganhemos, quer percamos, desde que tudo corra bem. No entanto, este teve um sabor especial, pelo facto do árbitro ser o próprio treinador do F. C. Crestuma e deixar jogar a bola, não beneficiando nem uma nem outra equipa. Começámos por sofrer o primeiro golo, mas os nossos rapazes não se deixaram intimidar e acabaram por construir um resultado que fizesse justiça ao trabalho por eles desenvolvido, durante os 90 minutos.

Os rapazes vinham tão satisfeitos, que quando chegámos, eles próprios, fizeram questão de mandar parar a camioneta junto da tipografia e ir direitinhos, ao escritório do nosso Padre Acílio oferecer-lhe a vitória, como prémio por ele ter mandado pintar as balizas e arranjar o piso do nosso campo. É a prova cabal do excelente ambiente, que se vive no seio do nosso Grupo Desportivo desde o princípio da época!

Já os Seniores receberam os Juniores do S. Félix da Marinha. Paciência, muita concentração e inspiração, foram as armas utilizadas pelos nossos rapazes, neste confronto, em que estiveram muitíssimo bem, apesar de terem perdido por 1-2, com um adversário que se apresentou com um futebol de primeira. Os 45 minutos iniciais decorreram sob o signo do equilíbrio, mesmo, pertencendo à equipa visitante as melhores situações de golo. No entanto, a todas as investidas do ataque adversário, respondeu afirmativamente a equipa da casa, através de Gil, «Taíinha», «Bonga» e «Mancha». Um quarteto que se distinguia pelo desempenho irrepreensível,

em total consonância com o resto da equipa.

Na segunda metade do jogo, sempre com a mesma paciência e concentração, sobressaiu a classe do adversário, mas também a frescura física e a garra dos nossos rapazes. Subir à mata..., quando menos eles esperam, faz bem, dá saúde e desenvolve-os, para nos jogos procurarem fazer frente a qualquer adversário. É o «doping» que os nossos atletas tomam! É barato, faz ganhar força... e não faz mal!

No que diz respeito ao resto da comitiva da equipa de S. Félix da Marinha, foram extraordinariamente simpáticos. Ainda demos uma volta pela Aldeia e também os levámos ao nosso bar/sede tomar um café antes do jogo, para lhes tentar dar a volta..., mas eles não foram na fita. Estou a brincar!

Alberto («Resende»)

## Miranda do Corvo

**CONFISSÕES** — No passado sábado, estive em nossa Casa — Lar de Coimbra — o Frei Tibério, de Santo António dos Olivais. É da Ordem franciscana e também chefe dos escuteiros. Frei Tibério foi a nossa Casa para confessar os rapazes. As confissões demoraram uma manhã inteira. Numa primeira parte, a preparação, e, em seguida, as confissões. Praticamente toda a gente se confessou.

**AZEITONA** — A apanha da azeitona já terminou. A quantidade dela não foi muito satisfatória, comparada com anos anteriores.

**MAGUSTO** — No Domingo passado recebemos a paróquia de S. José que, como é habitual, todos os anos vem realizar o seu magusto conosco. Foi um magusto «em grande» com muita castanha assada, sumos, guloseimas e acima de tudo muito convívio. Neste grande grupo constituído pelas pessoas da paróquia e pelo grupo de escuteiros, realizaram-se várias actividades desportivas com os nossos rapazes: o jogo da corda, futebol e outros jogos que desconhecíamos. Também a escola, cá de Casa, realizou um magusto no dia de S. Martinho, no Santuário de Nossa Senhora das Dores, no Padrão.

Adriano

## Malanje

**ESCOLA** — Já há um bom tempo que se ouvia falar na necessidade de aumentar algumas salas de aulas, visto que a reforma educativa, no nosso País, se aproxima e, hoje, quase que se pode constatar essa realidade, em algumas escolas.

O que seria de nós que só tivéssemos ideia e não prática?

Por esta razão, com o acréscimo de novas salas, agradecemos de um modo especial o esforço do nosso Padre Telmo que, como pai, não quer deixar os seus filhos longe da realidade actual e todos aqueles que directa ou indirectamente contribuem com o pouco de melhor que têm e que sabem

para o crescimento e bem-estar desta nossa Casa.

**BIBLIOTECA** — Tivemos bom princípio em pensar ter uma biblioteca em nossa Casa. Pela experiência tida, diria que ela é fonte de saber que mergulha o homem numa curiosidade de conhecimento para diminuir a sua ignorância. Demos-lhe o nome de «Biblioteca longe do erro», como podem fazer ideia dela. Mesmo com isso a carência de livros capazes de nos tirar do erro e da ignorância é uma situação que nos preocupa. Por isso, gostaríamos que aos poucos tivéssemos não só como nome, mas sim como algo concreto.

**DESPORTO** — Começámos um campeonato escolar com muito entusiasmo, até agora nada ainda está definido. Fizemos dois jogos que perdemos por 2-1 e, como dizia no princípio, nada ainda está definido. Esperamos bons resultados nos próximos jogos. Por outro lado, estamos contentes com as bancadas do campo de basquetebol. Aliás, esperávamos, no princípio, quando estava a ser construído o próprio campo, que agora acontece, temos um campo velho e umas bancadas novas.

**AGRICULTURA** — Desta vez, talvez por ser ano par (2004), os nossos campos compensaram os nossos esforços. Com a colheita da batata rena e cebola, estamos satisfeitos porque cada trabalhador merece o seu salário e este não é mais se não o fruto do seu esforço.

**MISSA** — Temos notado muita alegria por parte dos nossos «Batatinhas» na Missa, sinal de bons cristãos, terem sempre o rosto alegre. Podemos deduzir que é nos rostos dos nossos «Batatinhas» que se encontra a verdadeira simplicidade de Cristo.

Cada Domingo buscamos uma ensinância para meditarmos durante a semana.

Padre Telmo, no qual temos sempre a amabilidade de escutar as suas homilias, tem sempre a paciência de lhes introduzir uma história educativa.

Sebastião Micanda

## Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

Como anteriormente aqui anunciado pelo César, irá celebrar-se o 50.º aniversário da Casa do Gaiato de Setúbal, no dia 3 de Julho de 2005. Decidiu esta Associação, formada por antigos gaiatos e suas famílias, homenagear o homem que amou o *garoto da rua* com humildade, perseverança e fé em Deus. A necessidade por ele sentida, através da voz das *gentes* destas bandas, levou-o a criar um lar para os garotos d'além Tejo — assim nasceu a Casa do Gaiato de Setúbal. Tem feito obra, retirando da rua os garotos enjeitados e marginalizados pela sociedade — *lixo da rua* — mas tem, também, ajudado os necessitados desta cidade e não só, tão ao jeito de Pai Américo, sem sobressaltos, discretamente e sem alaridos, mas com Amor, muito Amor e trabalho no seio duma família que, ainda que imperfeita, nos ensinou e deu valores

de dignidade e nobreza de carácter, para sermos e nos tornarmos homens de pleno direito e formarmos uma família igual às demais. Temos Obra feita e que todos podem comprovar — disso somos nós mesmos provas vivas.

Esta homenagem queremos-la singela e envolvendo todos os que nos amam e apoiam, mas também as *forças* deste distrito e desta cidade, expressando, assim, a sua dívida de gratidão para com este grande homem. Consta de um busto de Pai Américo, em bronze, a colocar numa praca com o seu nome e que pretende marcar a sua passagem por terras do Sado.

Do Norte, começaram a chegar uns donativos, singelos, feitos do esforço de quem trabalha ou trabalhou uma vida inteira e que, por isso mesmo, merecem o nosso profundo agradecimento. «Para ajudar o Pobre, ainda não apareceu ninguém mais capaz do que os pobres». Que tomem os *grandes* estas lições de sabedoria e humildade.

A morada para onde podem enviar a vossa contribuição é: Associação da Comunidade «O Gaiato», Rua Morgado de Setúbal, 91 — 2910 Setúbal. Cá vos esperamos para, juntos, encentarmos e levarmos a cabo este empreendimento.

Fernando Pinto

## Setúbal

**VACARIA** — Mandámos para a matança uma vaca que será para a gente comer. Nasceram dois bezerros, mas um deles morreu sem sabermos porquê. Quem trata deles é o «Caras Lindas» e eu. Está uma vaca na maternidade para parir. Quem ajuda o parto das vacas é o sr. Rosmaninho, o «Miguelinho», o «Fernandinho», eu e o «Caras Lindas» quando lá está. O «palhinhas», hoi que nós temos, está doente das duas patas de trás.

**OBRAS** — O «Lota» mais o Zeca estão a construir um canteiro para flores em frente da Casa. Estão também a pôr passeios. Vamos arrancar duas árvores para transplantar detrás da Casa. O sr. Paulo e o Garcia estão a fazer obras na cozinha, a pôr azulejos nas paredes. O *senhor do inox* está a fazer novos balcões.

**GALINHEIRO** — Este fim-de-semana, a D. Conceição mais uns rapazes mataram patos. Estiveram a depenar e a cortar para a gente comer. As nossas galinhas estão boas para irem para a panela. Estão gordas. Roubaram-nos, depois do magusto, dois gansos. Os nossos pombos estão bons. Os patos-bravos também.

**MAGUSTO** — No dia 21 fizemos o nosso magusto. Quem estava a assar castanhas e batata-doce era o Ricardinho e o David «Troço». Do lado dos carapaus e entrecosto, esteve o «Ouriço», o «Bebezão», o Nelson e o sr. Luís. No lado dos sumos e do vinho era o «Cocas». A servir estiveram as senhoras que vieram ao magusto. Para todos correu bem.

**NATAL** — Está a chegar. Estamos felizes porque é o dia de Jesus nascer. Como acaba o primeiro período da escola, estamos curiosos para saber as notas. Um bom Natal para todos vós.

Horácio

## Pão de Vida

## Um presente de paz

O tempo de espera do Menino, este ano, foi atravessado por lanças de dor.

As polémicas dos *media* não nos alimentam, mas distraem os incautos. Os reflexos nas nossas Comunidades são visíveis, na instabilidade emocional. A quadra natalícia é um agulhão nos laços de sangue, como se a família dos filhos de Deus tivesse essa linhagem. Todos somos irmãos, no Emanuel.

Nas visitas, às vezes, atiram-nos:

— Podemos levar um menino para passar o Natal?

Nós somos ciumentos dos filhos da rua, que não tiveram amparo nem protecção. Foi por eles, também, que Ele veio e vem.

Há dias, o Papa fez-se porta-voz do «imenso grito de dor da infância abandonada», para defender a sua dignidade.

As novas famílias da velha Europa são pequenas, porque a natalidade baixou, pressionada pela indústria do planeamento familiar.

Chegou-se ao ponto de um tribunal holandês autorizar um hospital a praticar a eutanásia em crianças atingidas por doença incurável...

O tipo de família mudou nos últimos decénios e são diferentes os seus esquemas, devido aos divórcios e sucessivas uniões. Multiplicam-se os dramas familiares, acossados por venenos tóxicos e comportamentos desviantes, à espera de quem lhes acuda.

O próprio Jesus cresceu na Família de Nazaré. Na Sua vida pública, abriu o horizonte e viu as multidões famintas, doentes e malvistas, à margem.

A filosofia de vida das nossas Casas ultrapassou mais de meio século de convulsões sociais e tem procurado

substituir, ao seu jeito, de Pai Américo, os pais que não puderam cuidar dos seus filhos ou os abandonaram.

Os rapazes, cada um com as suas marcas, todos os dias, revelam novidades. O ser humano, total, é misterioso.

No Domingo *Gaudete*, o Bruno, que vive connosco desde os cinco anos, teve de ir para o hospital. Esta Casa tem sido a sua família, embora forças ocultas a queiram tornar ilegal. Passou pela sala de ressuscitação e, com os cuidados médicos e de enfermagem, ficou livre de perigo. Ao cair da noite e madrugada dentro, foram momentos duros, de tensão e amargura. A presença junto dele foi um viático.

Como se não bastasse, o José Luís, «Zoing», saíu para uma aventura fugaz. E, entretanto, o José Henrique escorregava para a rua.

Muitas pessoas tinham, ao longo do dia, invadido a nossa Aldeia, em visitas sentidas e de encorajamento.

— De que precisam?

— Do pão à comunhão orante, paz!

Um presente e futuro de paz, como realça o Irmão Roger, de Taizé.

Quem vive com os filhos da rua? Mais do que sentenças dos especialis-

tas de gabinete, o mundo das crianças e jovens e enfermos desvalidos precisa de vocações a tempo inteiro, ao seu serviço, à imagem da jovem Maria de Nazaré, para testemunhar a presença do Senhor que vem salvar-nos. «Ampara o órfão e a viúva e entrava o caminho aos pecadores».

Jesus faz-Se próximo, em especial dos Pobres. E de quem abre uma gruta no seu coração para construir um presépio e O acolher.

Os humildes, como os pastores, foram apressadamente ao Seu encontro e reconheceram o Messias. Não calaram O que viram e, até os sábios, que procuram, O foram adorar. A Sua estrela brilha para os homens rectos.

Quando se começaram a ver luzinhas nas janelas das povoações, alguns dos nossos pequenos correram ao monte para apanhar musgo.

O pai natal não tem lugar no presépio feito por eles, com ternura. Os verdadeiros meninos não são de barro, mas da mesma carne de Jesus!

Vamos adorá-lo?!

Padre Manuel Mendes

## Benguela

Continuação da página 1

Casa não pode haver Festa se não for partilhada com os que nada têm. São multidão. O Natal é o grande encontro do Pai na pessoa de Seu Filho com os filhos da terra inteira que, por isso, são irmãos.

Mais três pequeninos estão a chegar. Estamos contentes porque não vão ficar «arrumados» num sítio abrigado, mas vão «nascer» na sua Casa nova. É assim que o Natal entra na vida. Outros hão-de vir a pôr à prova o teu grande amor de pai, mãe ou filho.

Para todos desejamos um Natal cheio de Paz e Alegria.

Padre Manuel António

## Tribuna de Coimbra

## Dezembro mês carregado de memória

CHEGOU o mês de Dezembro. Um mês carregado de memória, recordações e sonhos de infância. Aliás, quando esse tempo foi marcado pela moldura do amor familiar, torna-se mesmo um suplemento de alma... Nós transportamos pela vida fora o sabor da nossa infância. Quanto vale aqui dizer da qualidade vivencial em que ela se deve desenvolver. Estabilidade relacional, afectiva, constituem seus elementos mais marcantes. Quantos adultos soando na vida o eco de uma infância vazia...

O Natal é uma memória privilegiada da nossa infância. Mas o Natal dos valores, dos afectos, dos pais, dos

avós, da família. O outro Natal, o das «coisas», não carrega a memória de significado. É Natal da exterioridade tão ao jeito do consumismo e da extravagância.

Cem milhões de meninos de rua povoam as grandes metrópoles do nosso mundo. Também na Europa, à nossa porta. Eles são um dedo acusador ao Natal egoísta e consumista em que estamos mergulhados. Infelizmente, muitos deles hão-de tornar-se raízes de uma árvore que se agiganta pelo mundo fora com o nome de terrorismo, tráfico, droga e insegurança.

São meninos que nasceram de corações feridos, mal-amados, sem tecto,

sem pão, nem quem vá por ele. São, hoje, os nossos meninos de Belém, sujeitos à fúria de tantos Herodes.

E, quantos não ficam pelo caminho, sem direito à vida! «Não havia lugar para eles...» Outros interesses egoístas e hipócritas tomaram a dianteira.

Quanto nos falta ainda para chegarmos à verdade do Natal! E para que não haja mais meninos de poucos dias, nem nas maternidades se apague a luz e o calor que prolonga a vida, vamos todos pensar no Amor, o melhor presente que Deus nos oferece, o Seu Filho Jesus, nascido de Maria, o Redentor.

Padre João

## Correspondência dos Leitores

«Sou o Quim de Malanje e venho, por este meio, solidarizar-me com a Obra da Rua, minha mãe, no momento difícil por que estamos a passar.

Sou professor de Filosofia em Machico e estou com 26 ano de serviço docente. Acabei a licenciatura na Universidade Católica Portuguesa, Extensão do Funchal.

Li no Diário de Notícias de 9 de Dezembro que a Casa do Gaiato está a ser avaliada e que o estudo a ser feito 'pretende saber o rumo de vida dos rapazes que passaram pela Instituição', gostei sobremaneira do seu desafio à comparação das pedagogias de Pai Américo com as instituições de solidariedade social a cargo do Estado. No meu estágio, apresentei um trabalho sobre a educação na Casa do Gaiato, em 'Filosofia da Educação' e tive 17 valores. Nenhum de nós se envergonha por ser filho da Obra.

Tenho pena que a comunicação social, nomeadamente a TVI, não tenha procurado rapazes realizados, e são mais que muitos, mas apenas tenham procurado um ou dois que falharam.

Sabemos que nas famílias portuguesas há muitos problemas de educação e que nem mesmo com óptimos pais e com todo o ambiente promissor, por vezes há pessoas que falham na vida. Só quem não anda no mundo estudantil é que não sabe a quantidade de jovens que descarrilam, apesar de todo o esforço dos encarregados de educação.

Quero agradecer aos Padres da Rua o quanto se têm entregue à educação de tantos de nós que fomos abandonados pelo pai. Só por amor se faz tanto que os governantes nem querem crer.

Os governos de então, na devida altura, não tiveram a capacidade de obrigar, em tribunal, o meu pai de sangue ao pagamento dos alimentos para os cinco filhos menores.

Por hoje é tudo, saudades e um apertado e saudoso abraço deste filho.

Joaquim Carlos Fernandes».

«Desde há muito apoiante na partilha material dessa magnífica Obra, que é a Casa do Gaiato, foi com um sentimento de profunda revolta que li na imprensa as arremetidas boçais contra a Obra do Padre Américo no relatório miserável da autoria da Segurança Social. Feito por gente que só conhece o dinheiro e as plumas e que desdenha do amor e da caridade. Muito estranho que o Bagão Félix, e mesmo o Negrão, tenham exprimido uma opinião tão reles como a que consta na imprensa, embora esta, como a TVI, tenha sido assaltada por gente desqualificada, sem qualquer sentido de missão, e à qual só interessa o lucro das grandes tiragens através de escândalos, das misérias morais, da mentira e da calúnia.

E se algum dia, os senhores inspectores/las voltarem nos seus luxuosos carros, pagos por todos nós, para tentarem entrar em qualquer das Casas do Gaiato, pode contar com a minha presença imediata, mesmo que, usando as suas palavras, nos queiram prender ou matar.

Peço que aceite os meus respeitosos cumprimentos e lhe manifeste a minha enorme admiração.

Francisco Novais de Ataíde».

## DOCTRINA

A criança da rua encontra na própria rua todos os meios de perversão



TEMOS em Casa um pequenito de dez anos que sente enorme dificuldade em afazer-se à nossa vida. Morre por ir embora. Quer antes a vida da pedincha. Foi posto no trabalho do campo por ser, em regra, o que mais prende esta sorte de crianças. Os companheiros mostram-lhe as nossas vacas, as espigas, as pombas, a Beleza. Nada o interessa. Quer regressar. É um pequenino doente, a quem se tem oferecido, por várias maneiras, a ocasião da cura — e ele repudia os meios de ser curado. Anda inquieto, lacrimoso, infeliz. Pede aos visitantes que o levem. Esclarece: «Eu arranjava muito dinheiro às tostões». Como o deste miúdo, ainda que mais moderado, temos tido casos análogos na nossa Comunidade.

A criança da rua encontra na própria rua todos os meios de perversão. A pedincha é um deles; o pior, porque tem o nosso concurso. Se tu soubesses das nefandas histórias que eles nos contam, quando são verdadeiramente nossos, por conquista de amor! Do uso que eles fazem dos tostões acumulados! De quanto nós temos de trabalhar aqui em Casa, até destruir o mal que essas esmo-las lhes causam! Quão profunda não é a ruína da alma destes pequeninos, causada por um falso amor do semelhante!

«GUERRA à miséria» é a antífona que hoje se levanta... nos jornais. É tarde. Depois de roubados, trancas à porta. Se todos tivéssemos feito a tempo, há muito tempo, uma pequenina guerra à custa do próprio esforço, a bem dos nossos Irmãos das ruas, não estaríamos todos a assistir a uma guerra cujo preço é sangue!

ELES, os nossos pequeninos vadios de ontem, fazem aqui dentro guerra à miséria, eficazmente. São muitos os conselheiros que se reúnem à beira do António, o inconsolável pedinte, a dizer-lhe que não queira tornar a pedir. Os comentários são interessantes. Os conselhos, luminosos. Todos eles foram pedintes dos caminhos. Hoje, senhores de uma vida mais nobre, querem que os companheiros também a gozem. É só por causa da influência dos camaradas que o António ainda não fugiu, nem me parece que fuja.

O «Tiroliro» é um dos mais calorosos inimigos do vício de pedir. «Eu cá já não tornava a pedir», grita ele nos comícios que a malta faz, à roda do Antonito.

D. Amén. 15!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

## Calvário

## Contágio

HÁ largos anos que esta senhora tem vindo aqui com o seu filho. Este, desde novo, acompanha o gesto da mãe — a entrega alegre mas discreta das economias domésticas. Formou-se e, hoje, já senhor doutor, é o motorista da mãe.

Nesta manhã voltaram acompanhados. O senhor doutor apresenta-me a jovem esposa. E eis a surpresa: três cheques, um de cada elemento da comitiva.

O bem é difuso. Contagia. E,

por vezes, faz estragos na carteira de quem se deixa contagiar e não teme que o mal alastre. Muitos têm sido «vítimas» do exemplo dos bons. É que o bem semeado propaga-se mesmo sem nos apercebermos disso. Nunca é, pois, em vão fazer o bem, mostrar interesse pelos demais. Há sempre alguém que repara e se deixa contaminar; enquanto outros permanecerão insensíveis como o estalajadeiro diante do samaritano socorrendo o pobre homem maltratado por assaltantes.

O Domingos teve visitas de familiares. Estes trouxeram-lhe um bolo. Logo que me viu, desfecha com a oferta na mão:

— É para distribuir pelos doentes. O senhor também vai provar uma fatia.

O Carlos igualmente recebeu a presença dos seus, mas comeu o bolo sozinho. Ainda não foi contagiado. Mas vamos tentar.

O mais importante não é aquilo que se dá ou se oferece; mas o modo e o jeito com que se faz a oferta: alegre e generosamente. E então quando se oferece aquilo de que gostávamos para nós, a oferta duplica o seu valor, pois vai com ela a alegria do que se dá.

O Domingos fica radiante quando recebe prendas porque tem ocasião de repartir com os outros. Neste momento, feliz, sorri olhando o Carlos tristonho, que, cabisbaixo, balbucia:

— Para a outra vez, também reparto.

Aguardamos.

Padre Baptista

## Os Direitos do Homem

CORREU em 10 de Dezembro o 50.º aniversário da Declaração Universal destes Direitos — efeméride que deveria ser motivo de festa como acontece à generalidade dos homens quando tal soma de anos marcou uma vertente importante da sua vida. Não lhe vi sinais. Antes, na oportunidade, são dados a conhecer dois relatórios, um da UNICEF, o outro da Organização Internacional do Trabalho (OIT) — ambos carregados de nuvens que ensombream estes anos passados e o presente e são um mau presságio para o futuro.

Não vou aqui republicar números estatísticos que, certamente, também os nossos Leitores já leram nos jornais, embora cite um ou outro como fontes desta reflexão. E começo até pelo segundo relatório uma vez que a pobreza que ele denuncia, com certeza com a intenção de prevenir e de procurar remédios, é uma das grandes causas da tragédia que mina o mundo das crianças e jovens, que é o teor do relatório referido em primeiro lugar.

«O número de pessoas activas, o ano passado, era, em todo o mundo, de 2,8 biliões. Metade vive com menos de dois dólares por dia; e nesta metade se contam 550 milhões que nem sequer chegam à média diária de um dólar». Este é o panorama global oferecido pelos que trabalham. Há a juntar-lhe os 185,9 milhões de desempregados, dos quais se não diz de que vivem, nem como vivem. Com certeza que numa extrema pobreza, que não afecta apenas os estômagos, mas também a estabilidade e um horizonte que são tão necessários à vida como o pão!

Claro que pesam nestes números terríveis sobretudo os habitantes do terceiro mundo; mas vemos com alguma surpresa, que também em países do Norte do mundo, considerados ricos, eles atingem níveis preocupantes, especialmente porque a tendência na última década foi o crescimento da pobreza. Segundo um estudo sobre onze estados industrializados, só a Noruega inverte esta tendência; e «Portugal não está nesta tabela». «Os números nacionais dizem que dois por cento da população global, entre 1992 e 2002, vivia com cerca de 75 centimos por dia». Espanta que nos Serviços Sociais deste País se ignore esta realidade e se ande por aí com devaneios de grandezas!

Seguindo o discurso do Director Geral da OIT, «o ponto central do combate global à pobreza é a criação de oportunidades de emprego decentes e produtivas (ora aqui estão dois adjectivos muito acertados!) e a promoção de uma globalização mais justa». Claro que tal exige um aumento de produtividade que terá os seus efeitos «tanto a nível empresarial — com menos custos, maior competitividade e mais lucros — como a nível dos trabalhadores — com melhores salários e menos horas de trabalho». E isto no sector dos serviços, como na indústria, como na agricultura, mormente nos países em desenvolvimento onde «este sector emprega 40% da mão-de-obra activa e representa 20% do Produto Interno Bruto».

Remédios óbvios que, se calhar, se podem resumir na fórmula que se dizia nos meus tempos de menino:

«Produzir e poupar»; mas que exigem uma global viragem de mentalidades nesta sociedade de consumo que entretanto foi produzida. E a este propósito não resisto a este trecho lido em «Comentários dos Leitores» no jornal a que me venho reportando: «Se se mantiver a tendência actual de globalizar tudo, transferindo sistematicamente para o chamado Terceiro Mundo indústrias e aparelhos produtivos na mira de mão-de-obra barata; se se preferir dar trabalho ao clandestino que nada exige e aceita um ordenado qualquer — (...) caminhamos a passos largos para trás. (...) Os lucros obtidos à custa deste estado de coisas não chegarão para pagar os prejuízos de revoltas sociais que inevitavelmente surgirão, nem os condomínios fechados serão protecção eficaz para quem, como a avestruz, prefere não ver a realidade de uma sociedade cada vez mais dividida e selvagem, onde o único objectivo é o consumo para uns e a sobrevivência para outros.»

É verdade: Transformar o mundo de selvagem em humano é o primeiro passo que Pio XII proclamou ao lançar o Movimento por um Mundo Melhor. Paulo VI repetiu-o, ao pedir: «Homens, sede homens!» É esta a única globalização verdadeira, com certeza bem ao invés da que pensam os políticos, os economistas, até alguns filósofos... Um mundo novo em que a estratégia não seja a luta de classes nem qualquer luta, mas sim de convicção e apaixonada comunhão de esforços para o Bem Comum, em que todos, poderosos e pequenos e desconhecidos, têm um papel indispensável a prestar e um quinhão de direito a usufruir.

Só deste modo será real a Nova Terra prometida que o Profeta Isaías anteviu e apresentou assim: «O lobo habitará com o cordeiro e o leopardo deitar-se-á ao lado do cabrito; o bezerro e o leãozinho comerão juntos e um menino os conduzirá. A vaca pastará com o urso e as suas crias repousarão juntas; o leão comerá palha com o boi. A criancinha brincará à boca da toca da serpente e o lactente meterá a mão no covil da víbora. Não haverá dano algum porque o conhecimento do Senhor enche a Terra como as águas enchem o mar».

Um santo Natal para todos nesta visão da PAZ.

Padre Carlos

## PENSAMENTO

A esperança não exclui, antes, supõe muita canseira de quem vai à frente de obras sociais. Temos obrigação de agir como se tudo dependa de nós e só depois é que podemos racionalmente fazer um acto de fé, sem, contudo, adormecer.

PAI AMÉRICO

## Malanje

## Pesca

É sábado. Passei o dia a distribuir anzóis. Dia de chuviscos e os peixes vêm à tona, eles sabem. Deliciosas as tilápias da lagoa!, mas difíceis de pescar.

Dorito é um capitão de aventuras... mas nesta é um ás. Ontem pescou cinco, grandes, gordas e prateadas. Preparavam o petisco, num anexo escondido, com óleo, sertã e tudo. Padre Rui cortou-lhe as voltas e só o pescador teve direito.

A fama espalhou-se e tem sido um «sem parar»!

Quando comprei os anzóis, em Vila do Conde, o senhor, assustado com o número, perguntou:

— Tem tantos filhos?!

— Duzentos — respondi.

Disse-lhe quem era; abriu um sorriso de espanto e deu-me metade. Um a um, só hoje, já foram uns cinquenta.

É um prazer vê-los pescar com verguinhas de bambú!

Poucos tiram peixe. Todos, sonhos.

## Dar banho

ATURANDO o meu paludismo com «um por campo» surpreendeu-me um choro com gritos lancinantes. Vou à janela e contemplo a cena.

O chefe dos «Batatinhas» a dar banho a um que tem medo da água, enquanto um dá à bomba, ele esfrega com sabão dos pés à cabeça.

Corpo limpo. É o chefe, de catorze anos, no lugar de uma mãe a dar banho ao filho. É assim esta pedagogia. Naturalmente com algumas imperfeições que surgem das tenras idades e nos esforçamos por eliminar. A seguir veio o roupeiro e deu a roupa que competia. Não juro, mas pareceu-me ver nos lábios do chorão o esboço dum sorriso.

## Tem chovido muito

ESCREVO-TE na mesa de pedra na mulemba da Carianga. Tem chovido muito. Os campos ficaram verdes. Um verde-mar fresco e repousante. O sol declina e as sobras das palmeiras alongam-se com suavidade para o rio. Os patinhos pequenos em correrias sinuosas catam nas ervas rasteiras insectos que só eles vêem.

As vacas descem a encosta com seus dois pastores. Um deles é o Nelito. Saiu de Casa por roubar. Andou por lá, não encontrou porcos nem bolotas... «Estou a passar mal, posso guardar as vacas».

Impossível não haver um fiozinho de esperança nesta tarde de luz tão terna e plácida.

O Nelito ainda pode ser um homem. Talvez que os vitelinhos nas suas correrias pelos tapetes de verdura o ajudem a crescer.

## Morreu o «Pocas»

FOI-NOS entregue pelo Padre Viana por estar completamente abandonado. Era albino, por tal, um pouco repellido. Foi acolhido por nós com naturalidade. Os nossos rapazes não são racistas. Um cancro comeu-lhe metade da face. Mesmo assim não foi rejeitado. «Leve-me a ver o 'Pocas'» — quando no termo, estava no hospital.

Morreu nos braços da Irmã Socorro que foi para ele uma mãe.

Foi enterrado ao lado do Emílio no nosso pequeno cemitério ainda com muros de capim.

Imaginei, dentro do caixão branco, o seu dedo apontado aos pretensos salvadores das crianças que, em Portugal, não nos compreendem.

• O som cavo da terra sobre o caixão (caminha fofa — pensei) onde repousa o «Pocas», levou-me a percorrer, nas aldeias que conheço, as cubatas onde moram os que vivem: os meus olhos vão passando pelos luandos que são as camas sobre a terra nua; as latas e tachos de cozinha; a banheira da roupa; o bidon da água; uma enxada e uma catana; pouco mais. Na gruta do Menino um pouco menos.

Não longe, os lautos banquetes! É Natal. Nas referidas cubatas, a fuba do dia e, logo a seguir, cantos de festa.

Nas sociedades de consumo, não... nem alegria nem cantos.

«Pobres tereis sempre convosco. Bem-aventurados...» — na fala de Jesus.

A chuva miudinha que começou a humedecer a terra cavada, fez-me regressar. «Pronto? Ponde as flores»: rosas, buganvílias e flores silvestres. «Vamos». Regressámos com falas e gestos de ternura.

• Do «Pocas» até Casa passámos debaixo das mangueiras, algumas carregadas de mangas — brincos de luz e de esperança!

Tira teus olhos

dos fios de esgoto...

caminha até ao mar!

E colhe na estrada de luz,

que vai até ao sol,

os pingos de oiro!

Assim, que neste Natal seja para todos um raiozinho de luz e de amor.

Padre Telmo